

Da sala de aula às ruas devastadas do Sarandi

Jornal da Universidade / 23 de setembro de 2024 / Artigo



Artigo | Raquel Silveira, Cristinne Lenke, Helena Robalo, Larissa Both e Rafaela Rodrigues apresentam reflexões sobre uma atividade de ensino-extensão em direitos humanos e ambientais nesse território

*Por Raquel Silveira, Cristinne Lenke, Helena Robalo, Larissa Both e Rafaela Rodrigues

*Ilustração: Dantara Stamado Ordovás/ Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

"Caminhamos pelo bairro que conheço como casa e, no processo, passei por ruas em que não caminhava fazia muito tempo. [...] a lama que cobria a minha rua e marcava a minha casa tinha o mesmo cheiro e cor do lixo daquelas outras ruas do Sarandi. As pessoas tinham a mesma expressão de dor, de esperança, de resiliência e de resignação que a dos meus vizinhos e amigos"

– Cristinne Lenke, estudante de Psicologia, 2024

A calamidade pública causada pelas chuvas e pela negligência estatal atingiu também a comunidade acadêmica da UFRGS. A maioria das pessoas afetadas é do corpo discente, com maiores danos para os/as que vivem nas periferias da capital e região metropolitana. Iniciamos este texto com o depoimento de uma aluna da disciplina eletiva "Psicologia, Direitos Humanos, Direito Ambiental e Inclusão", do Curso de Psicologia, no primeiro semestre de 2024. Ele é uma evidência da dimensão da tragédia vivida por muitos de nossos estudantes. E trazemos aqui também uma reflexão sobre a atividade integrada entre ensino-extensão que consistiu em uma visita de campo às áreas do Sarandi atingidas pela enchente, passando pela Biblioteca Comunitária Girassol e indo até a "Avenida" Dique, em 1.º de julho de 2024. O bairro Sarandi foi um dos lugares mais afetados pelas enchentes em Porto Alegre, além de ser o local de moradia da maioria das pessoas abrigadas na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), na qual houve grande atuação da comunidade da UFRGS.

Este texto-relato foi produzido coletivamente pela turma acima citada, composta por estudantes de psicologia e direito, todas jovens mulheres de diferentes realidades sociais e raciais. Esse perfil é fruto das cotas universitárias, o que tem enriquecido as aprendizagens e possibilitado trocas e tensionamentos importantes sobre os diferentes lugares que ocupamos nas relações de saber-poder na sociedade. Dessa forma, esta escrita expressa uma vontade de não esquecer o ocorrido, de lutar em prol dos Direitos Humanos e do Direito Ambiental.

Um dos autores utilizados na disciplina é Alton Krenak, intelectual e ativista indígena que escreveu dois textos importantes durante a pandemia do coronavírus, "O Amanhã não está à venda" e "Ideias para adiar o fim do mundo". No primeiro, ele aponta que não poderíamos sair do mesmo jeito como entramos na pandemia. Aquele acontecimento trágico, acompanhado de uma necropolítica explícita do governo Bolsonaro, deveria transformar a sociedade, caso contrário teria sido em vão a morte de mais de 700 mil pessoas no Brasil.

Por isso, convidamos vocês para acompanhar os impactos que aquela caminhada sobre um território devastado causou na nossa turma. Em primeiro lugar, a produção de sentimentos, de cheiros, de empatia encarnada, pois diferente das imagens nos stories do Instagram, a saída de campo coloca o corpo e os afetos em ação. Uma das estudantes afirmou que era "como se estivesse vendo tudo por outros olhos, e queria elaborar sobre isso". Ou seja, produziu-se a necessidade de um tempo de parada, para sentir, para compreender, para digerir tudo aquilo que foi visto e vivido.

Em seu lugar de fala como moradora do Sarandi, outra estudante comentou que, apesar de todo o ocorrido deixar seu coração doendo, as paisagens vistas naquela visita, dois meses depois da tragédia, não lhe chocou nem surpreendeu, pois já tinha se acostumado com elas. "Eu me acostumei com a água subindo, com a chuva e os trovões. Me acostumei a esperar pelo resgate, me acostumei a dormir em outra casa, a não saber quando voltaria pra minha. E depois, me acostumei com a lama, o cheiro, o lixo e as paredes cinza."

Ela, entretanto, comentou sobre a importância de falar com pessoas que não estão acostumadas a isso, o que a faz lembrar que essa precariedade não pode ser normalizada – trata-se de um descaso das políticas públicas – e que a universidade precisa estar presente e atuante na luta pelos direitos das populações marginalizadas.

Para quem não vive em zonas periféricas e vulneráveis da cidade, essa saída de campo permitiu o testemunho da vulnerabilidade do local, principalmente da "Avenida" Dique, que em nada lembra uma avenida. É uma faixa de chão batido em cima do dique. As casas ficam bem abaixo do nível da "Avenida", por isso sempre alagam.

"Na minha casa sempre alaga quando chove, só que dessa vez foi um dilúvio", essa foi uma frase escutada repetidas vezes no trabalho com as pessoas abrigadas na ESEFID.

O fato de existirem locais assim demonstra o racismo ambiental da nossa sociedade, pois aqueles que estão na margem são os primeiros a sentirem o impacto das mudanças climáticas, agravando ainda mais sua vulnerabilidade social. Essas pessoas não possuem acesso a moradia digna e são, em sua maioria, pessoas negras.

Também residem naquele bairro imigrantes venezuelanos e haitianos. Durante a nossa caminhada, um senhor simpático conversou com a gente sobre sua situação. As suas reclamações mostravam sua decepção e tristeza com o que aconteceu, assim como o descaso do governo. O tom, porém, era de resignação: "A gente tá aqui esperando pra saber o que vai ser de nós".

Um outro homem estava com um carrinho de mão pra lá e para cá, freneticamente retirando de sua casa os pertences que já não lhe serviam mais devido ao contato com a lama. Ele nos contou que era a primeira vez que retornava à sua casa depois de 60 dias, dependendo da boa vontade dos outros para ajudá-lo, vivendo como um refugiado climático na sua própria cidade.

A atividade de ensino-extensão, dessa forma, nos possibilitou pensar sobre e sentir o fosso social, econômico e racial que constitui a cidade de Porto Alegre. Enquanto as partes não atingidas pelas enchentes têm o privilégio de seguir uma vida (semi)normal, os moradores dos bairros atingidos lutam para ter suas casas de volta. Nesse contexto, é fundamental que a universidade pública se comprometa com a produção de conhecimentos para o enfrentamento de tragédias climáticas e com o fortalecimento de atividades extensionistas na luta pelos Direitos Humanos e Ambientais.

Raquel da Silva Silveira é professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS, coordenadora do Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracistas e Anticapacitistas/NEPARC.

Cristinne Ely Lenke é aluna de graduação da Psicologia.

Helena Kolhs Robalo é aluna de graduação do Direito.

Larissa Neumann Both é aluna de graduação da Psicologia.

Rafaela Ribeiro Lima Rodrigues é aluna de graduação da Psicologia.

"As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo."

Posts relacionados



Paradesporto propicia melhora na qualidade de vida e auxilia a pessoa com deficiência a projetar o futuro



Extensão popular para mudar a Universidade!



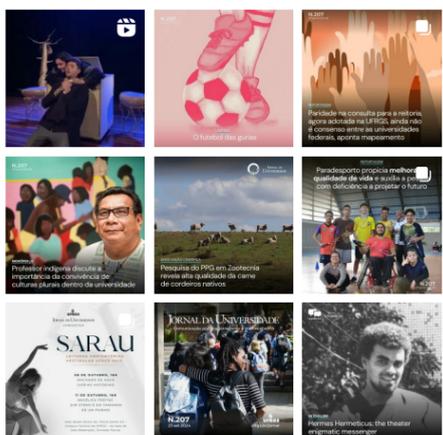
Geotecnologias a serviço do CBMRS



Por que reconhecer emoções é importante?

INSTAGRAM

jornaldainiversidadeufrgs @jornaldainiversidadeufrgs Follow



View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE



CONTATO

Jornal da Universidade Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br